

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

A prática docente em cena

 *Maria Edna Moura Vieira **
*Maria do Perpétuo Socorro Goulart ***
*Maria da Graça Luderitz Hoefel ****

Resumo: Este trabalho tem como objetivo compartilhar a prática docente de duas professoras da Rede de Ensino Básica do Distrito Federal, que atuam na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA), numa linguagem dialógica de suas experiências no contexto escolar, onde os protagonistas principais ora são os estudantes ora, os professores. A escrita buscar criar um movimento, formando núcleo de sentido e conexão entre Professor, Estudante e Gestão. Ou seja, diálogos a partir da voz da experiência e saberes sobre o outro e sobre si mesmo. Vão sendo desenvolvidas cenas de vida a partir das recordações e se materializam em um convite à magia da docência escolar e em novas formas de ver e sentir a prática docente. Dá-se em forma de percurso narrativo de vida em ação e é desenvolvido sob o foco em primeira pessoa, uma vez que os fatos narrados têm a participação ativa das autoras.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Educação permanente em saúde. Construção de Brasília. Gestão escolar. Prática docente.

* *Maria Edna Moura Vieira é graduada em Estudos Sociais pela União Pioneira de Integração Social- UPIS, especialista em Gestão de Políticas em Saúde, em Sistemas de Saúde e em Educação Permanente em Saúde, mestre em Processo de Desenvolvimento Humano e Saúde pela Universidade de Brasília – UnB e doutoranda em Medicina pela Universidade de Valencia-Espanha. Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: ednamv_3@hotmail.com.*

** *Maria do Perpétuo Socorro Goulart. Contato: cartasparaednamoura@gmail.com.*

*** *Maria da Graça Luderitz Hoefel é graduada em Medicina pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1983), especialista em Saúde Pública (1987), Medicina do Trabalho (1985), Políticas Públicas e Gestão Estratégica em Saúde (2006), mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1996), doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003), pós-doutorado pela Universidade Federal do Ceará (2012), e pela Université Paris Descartes (2016). Professora do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília (UnB).*

Introdução

Cada vez mais, se torna evidente que o desenvolvimento de trabalhadores não se faz descolado da atualização do próprio trabalho, isto é, que trabalho e trabalhadores constituem uma díade indissociável (MERHY, 2014). No interior dos setores da educação e saúde, tais processos requerem ampla comunicação/ correspondência às necessidades sociais, aos processos participativos e aos projetos políticos e pedagógicos.

É através do trabalho que o ser humano se produz, modificando a natureza, despertando suas próprias potencialidades e desenvolvendo novas possibilidades de vida, num ciclo contínuo de aprendizagem, conhecimento, invenção e reinvenção, afeto, desafeto, encontros e desencontros no tempo histórico.

Em cada tempo histórico o ser humano cria novos modos de agir, sobre a natureza e sobre a vida, produzindo novos conhecimentos e desenvolvendo novas possibilidades existenciais. A transmissão histórica do conhecimento produzido tornou-se fundamental para o desenvolvimento do ser humano, e isso vem ocorrendo de diversas formas ao longo da história. Uma delas é por meio da escola, como tarefa do professor.

Conforme Saviani (1995), o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos seres humanos.

Nessa perspectiva, o professor(a) assumiu a enorme importância de transmitir às novas gerações o conhecimento já produzido pelo gênero humano, sendo basilar para o desenvolvimento da sociedade, em geral, e da condição de humanidade, em cada um.

Seu desempenho e o trato do conhecimento são de fundamental importância ao delineamento de novos rumos na prática pedagógica. O aprendizado do professor no seu cotidiano como ser histórico e socialmente contextualizado pode auxiliar na definição de uma nova ordem pedagógica, assim como na intervenção da realidade no que se refere à sua prática.

Assim, se faz necessário, uma reflexão teórica e metodológica sobre o trabalho no contexto do desenvolvimento humano e direitos humanos, de forma a provocar o repensar do papel da formação dos trabalhadores da educação na perspectiva do desenvolvimento individual e coletivo, por meio de uma articulação reflexiva, dos encontros e construindo um universo de processos educativos em ato, em um fluxo contínuo e intenso de convocações, desterritorializações e invenções (CEC-CIM; MERHY, 2009).

É nesse contexto que alguns Atos e Cenas são narrados aqui, com o intuito de compartilhar com os leitores os afetos e desafetos de duas professoras em suas práticas de docência na Modalidade Educacional de Jovens e Adultos.

1. Objetivo geral

Compartilhar experiências da prática docente na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) de duas Professoras da Rede de Ensino Básica do Distrito Federal.

2. Objetivos específicos

1. Demonstrar parte da realidade vivenciada por duas professoras na sala de aula da rede pública de ensino do Distrito Federal, na modalidade de jovens e adultos;
2. Criar um movimento de reflexão sobre a necessidade de novos dispositivos de formação para os atores da escola;
3. Provocar o repensar da magia do ato de ensinar.

3. Metodologia

A metodologia utilizada no estudo dá-se em forma de percurso narrativo de vida em ação e é desenvolvida sob o foco em primeira pessoa, uma vez que os fatos narrados têm a participação ativa das autoras. As cenas ocupam dois cenários, dois atos e dois olhares distintos, em duas unidades de ensino da rede pública do Distrito Federal.

4. Primeiro ato - construção de autonomia

*Basta-me um pequeno gesto,
feito de longe e de leve,
para que venhas comigo
e eu para sempre te leve*
Cecília Meireles (2001)

O ano de 2017, para mim, foi recheado de interrogações, conexões e inquietações diárias sobre meu papel de mãe, mulher, professora e ativista social. Trabalhava, em um dos meus turnos, no período noturno, na modalidade de Jovens e Adultos e, ao mesmo tempo, preparando-me para fazer doutorado fora do país.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino garantido pelo Governo Federal através da Constituição Federal de 1988, que perpassa todos os níveis da Educação Básica do país, destinada aos jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação na escola convencional na idade apropriada. Tem como objetivo tentar ou corrigir questões sociais, como, por exemplo, a exclusão social.

Art. 208 CF (1988)- O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade

própria; (...) § 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

A história da EJA no Brasil está muito ligada ao pedagogo Paulo Freire, que na década de 1950/1960 desenvolveu um projeto de alfabetização, atendendo, em 1963, a 380 trabalhadores em Angicos-RN, repercutindo por todo o país, mas sendo sufocado no início do regime militar em 1964.

Minha proposta de doutorado vinha muito na direção da saúde mental do público escolar, seja estudante, professores e/ou gestores, muito influenciada pela Educação Permanente em Saúde (EPS), nos escritos de Ceccim e Merhy (2009), e também pela pedagogia do oprimido de Paulo Freire (1987). Com isso, tudo que eu fazia em sala de aula era com olhar de EPS, tanto no conteúdo que administrava, como nos momentos da coordenação pedagógica. Tentava colocar em prática tudo que aprendi no curso de EPS em Movimento (2015), reinventando-me nos processos que produziam movimentos e afirmavam as potências criadoras de vida (DELEUZE, 2002).

Comecei a experimentar dispositivos mais participativos, mais contextualizados com a vida de cada um, com a história de cada um, na tentativa de trazer de volta, para mim, a magia da prática docente, perdida, totalmente, no ano de 2013, quando me senti “agredida” como pessoa e como docente, por um gestor (ou talvez um não-gestor, indicado por um político sem conhecimento profundo da educação, desprovido de qualquer pedagogia e sentimento de humanidade. Em outro momento, contarei essa história, pois foi algo tão sério que, até hoje, quando me lembro, sinto uma onda de calafrio; foi e é muito dolorido, para mim, esse marcante “episódio”. Entretanto, me conforto com as palavras de Freire (1996, p. 134), em que ele diz: “Olhar para o passado deve ser apenas um meio de entender mais claramente o que e quem eles são, para que possam construir mais sabiamente o futuro”.

Essas experimentações foram, também, a maneira que encontrei para me resguardar da frustração e sensação do não-lugar, do não pertencer, que muitas vezes, ocorrem em função de processos centralizados da gestão e da tradição educacional “conteudista”, centrada no professor, desprovida de uma maior ênfase em processos dialógicos.

Complementar a isso, havia alguns estudantes que me chamaram muito a atenção, que, apesar do avanço da idade, não faltavam um dia de aula. Aproveitei a semana de Consciência Negra para conhecer melhor o contexto de vida desses estudantes.

Foi aí que surgiu Dona Maria¹ nas minhas inquietudes, no meu comodismo, fazendo que eu refletisse a minha prática docente, o estado de inércia profissional

em que me vinha arrastando desde 2013. Aquela mulher idosa negra, tímida, cabisbaixa, mão trêmula e olhar sonhador, não tinha a ideia do quanto me ensinava. Gratidão!

Havia outros estudantes que também me chamavam muito a atenção, como o Sr. Marcos, mecânico de mão cheia, mas semianalfabeto, que igual a Dona Maria, nunca havia pisado no Congresso Nacional e na Universidade de Brasília (UnB), apesar de viverem no Distrito Federal desde jovens.

Um dia, fiz um convite para minhas quatro turmas: irem à Universidade de Brasília, que a maioria também não conhecia, para assistirem a uma apresentação sobre imigração, do Grupo de Pesquisa que eu participava na UnB. Cinco se prontificaram e entre eles estavam Sr. Marcos e Dona Maria. Levei-os em meu carro (muitas vezes, nós professores precisamos utilizar nossos recursos para desenvolver alguma atividade que não está dentro do script ou, até mesmo, as que estão).

A gestão das escolas, em sua maioria, não tem os recursos necessários, para atender à demanda pedagógica e administrativa do professorado, como exemplo, para solicitar um transporte, etc. Em geral, precisa de uma confirmação de número elevado de estudantes, pois são eles que pagam o transporte, têm que completar os assentos do ônibus, para a direção adotar as providências necessárias às atividades extras. Muitos não vão porque não têm esse dinheiro, nem para as passagens. E isso, com certeza, desestimula muito o professorado a avançar no processo pedagógico; para mim, isso é fato.

Por essa e muitas razões, penso que é uma obrigação do Estado propiciar condições financeiras e logísticas-administrativas nas escolas, para a realização de atividades extras, como por exemplo visitas a um museu, nos espaços históricos da cidade/campo, parques, teatros, cinemas, espaços arquitetônicos, além de incentivar trocas de experiências e culturais entre as cidades, como forma de apropriação de conhecimento e cultura do território vivido.

Mas valeu muito levar esses cinco estudantes para conhecerem a UnB; lembro-me dos sorrisos, da alegria, da conversa solta, falamos de muitas coisas, de nossas vidas, de personagens da história e da cidade que eles não conheciam como Darci Ribeiro e Paulo Freire. Cometei que o educador Paulo Freire, um brasileiro, foi o responsável pelo método que consiste na proposta de alfabetização de jovens e adultos, que hoje eles são beneficiados, e que ele é conhecido, mundialmente, por suas propostas pedagógicas. Conversamos também sobre a construção de Brasília; aprendi tanto nesse dia, muito mais, que eles comigo.

Quando chegamos no local da atividade, olhar atento e curiosidade aguçada, sentaram-se na fila do meio,

sugerida por mim, pois, timidamente, queriam ficar no “chamado fundão”. A atividade estava programada para terminar às 21h, e como o ônibus da escola saía às 22h30 (a escola oferecia ônibus escola para casa), então nós teríamos que sair o mais tardar às 21h; por isso, no decorrer das atividades do seminário, eu perguntava se eles estavam bem, se estavam gostando e se já queriam ir embora, e eles sempre respondiam: “estamos gostando, professora, e vamos esperar terminar; queremos permanecer até o fim”.

Quando finalizou o seminário, eles fizeram questão de tirar fotos com os organizadores e expositores do evento, e também os apresentei à coordenadora do grupo de pesquisa. Durante a semana subsequente, eles me agradeciam tanto e falavam tanto para os colegas sobre a ida à UnB e de como eles estavam contentes de terem ido, que todos passaram a me perguntar quando teria outro evento e que eles gostariam de ir também.

Sentia-me realizada como professora. Penso que tomei emprestado a lógica da EPS, a da reinvenção de mim mesma, pois passei a sentir, novamente, a magia de ser docente e o poder que essa tem para desenvolver em nós a inteligência amorosa. Vi-me totalmente motivada a seguir todas as veredas do meu papel de docente. Nessa mesma semana, defini o meu objeto de pesquisa do projeto de doutorado: Educação Permanentemente em Saúde.

Percebi, ali, que as diretrizes e as dimensões da EPS dialogavam com a prática docente, e como professora consciente da “pedagogia do oprimido” de Paulo Freire, via-me implicada com a prática docente dialógica, desde o dedão do pé ao último fio de cabelo, em uma espécie de corpo-teoria-ação.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida (FREIRE, 1987, p. 43).

Assim, me deixei levar para o sertão de Guimarães Rosa (1958, p. 518), pois ele captava o tom das minhas afetações.

[...] o sertão é do tamanho do mundo.
Sertão: é dentro da gente.
Viver – não é? – é muito perigoso.
Porque ainda não se sabe.

Porque aprender-a-viver é que é o viver mesmo.

O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca.

O caminho no sertão não acaba; abre tantas veredas e encruzilhadas, e as pessoas nunca estão terminadas. O sertão é do tamanho da gente, a formação do ser humano é do tamanho da vida.

É nesse sentido que passei a refletir mais sobre o papel do educador(a). Tinha vontade que meus colegas de profissão que já perderam a magia da docência pudessem resgatá-la como eu estava resgatando. É importante que ela aconteça, seja por meio de propostas formais de educação, nas relações cotidianas de trabalho, ou mesmo da inserção do sujeito no mundo sociocultural, conforme preconiza a EPS.

Mesmo assim, ainda não estavam claros todos os sentidos e significados das veredas do sertão da docência que eu iria percorrer. O tempo todo me sinto em uma corda bamba nesse caminhar de professora. Conseguir o equilíbrio é o grande desafio que vivemos em sala de aula.

Foi com todas essas inquietações que organizei, juntamente, com os colegas e estudantes a *Semana de Consciência Negra* – (até quando vamos precisar ter uma semana ou um dia específico para lembrar que somos todos iguais de direitos e singularizados?). Cada sala escolheu a forma de representar essa semana tão especial e de enfeitar as salas com frases conscientizadoras sobre nossa história escravocrata, que nos transportou para o imaginário coletivo do preconceito.

5. Dona Maria em prosa e verso

A 5ª Série, turma da Dona Maria, escolheu fazer uma homenagem a ela na apresentação dos trabalhos da Semana de Consciência Negra. Como a maioria da turma faltava muito (menos Dona Maria e um outro estudante de uns 56 anos), adotei a estratégia de que, a cada dia, um iria contar sua história de vida.

Para tal, fiz um pequeno questionário de perguntas-chave para eles responderem e tinham que contar sua história para todos. Isso me deu um trabalho enorme; tive que assumir, para mim, a responsabilidade de escrever a história de vida de Dona Maria, como a escolhi para ser homenageada.

Lembro-me dela entrando em sala e, na hora da chamada, chegava com uma sacola com os livros pesados e toda encurvada e cabisbaixa, sentava na primeira fila sempre, na mesma cadeira e falava tão baixo que não dava para ouvi-la.

Eu não tinha a prática de lecionar em alfabetização e muitos estudantes da 5ª Série do “EJA” chegam sem saber ler e escrever direito, e Dona Maria era um desses, mãos trêmulas e com uma timidez impressionante.

Colocava no quadro uma frase de três linhas e eles demoravam bastante tempo para copiar. Tive que modificar totalmente a minha metodologia de sala de aula. E como todas as turmas eram formadas, em sua maioria, por jovens, fui, aos poucos, formando grupos de estudos, onde o critério era sempre ter um idoso na composição do grupo. Tinha como objetivo a troca de experiências e gerar um clima de respeito e responsabilidade na classe, já que havia também muitos jovens rebeldes.

Todas as turmas fizeram trabalhos maravilhosos. Mais uma vez, senti toda a magia da docência, da importância do meu papel de professora e da Modalidade EJA, para a sociedade. Vi-me reinventando na prática e aquilo tudo me fazia um bem tão grande como profissional e como pessoa; mais uma vez, vi-me bebendo da fonte da EPS, nas sábias palavras de Merhy:

Os encontros, em micropolítica, são intensamente pedagógicos, atuam diante de práticas de homogeneização, com trocas entre domínios de conhecimento e prática, construindo um universo de processos educacionais em ação, em um fluxo contínuo e intenso de Chamadas/Convocações, desterritorializações e invenções (MERHY, 2014).

Quando comecei a escrever a história de Dona Maria para a sua homenagem, tinha uma preocupação bem pontual, que era transformar uma vida de dureza, de sofrimento, luta, tristeza e recheada de um contexto de desrespeito e exclusão social, numa história mais leve, que demonstrasse toda a potência daquela mulher semianalfabeta, que chegou aos seus 73 anos com sonhos de adolescentes (tira sua habilitação) e com resiliência impressionante.

Além disso, a sua filha que seria convidada, para participar da homenagem a sua mãe; a preocupação, aqui, seria em relação a seu pai, que era um dos pontos problemáticos da história. Além do mais, sua história seria lida para todos os colegas. Com isso, fiz a opção de uma escrita poética de forma a transformar a dureza na leveza de direito que a Dona Maria merecia.

5.1 Simplesmente, Maria

Escrevi a história de Dona Maria, mas quando foi para fazer a diagramação e a impressão, a instituição escolar não tinha condições de fazer a impressão do pequeno livreto de 15 páginas; a impressão tinha que ser colorida, e a escola não tinha máquina de xerox com impressão colorida. Para a diagramação, contei com a ajuda de uma amiga. Depois, tive que custear o impresso de sete cópias coloridas. Arrecadei um pouco de dinheiro com a turma que se dispôs a ajudar e contribuí com o restante, mais da metade. A realidade da vida de professor da rede pública no Brasil muitas vezes **é essa** – de equilibrista e bom samaritano.

Simplesmente, Maria foi o título escolhido para a história daquela descendente de indígena por parte da avó paterna e de escrava por parte da avó materna, que nasceu no ano da abolição da escravatura (1888). Foi criada pela mãe que nasceu no ano de 1917 (já no final da 1ª guerra mundial), juntamente, com mais 8 irmãos.

Começou a trabalhar aos 4 anos de idade, na fiação de algodão com seus vários primos e irmãos, à época, todas crianças. Ou seja, *Simplesmente, Maria* é a história de uma mulher negra que nasceu e viveu no contexto escravocrata, apesar de ter nascido no século posterior à abolição da escravatura no Brasil e de ser produtiva até hoje.

6. Segundo ato – território compartilhado

Oculto consciência de não ser,
Ou de ser num estar que me transcende,
Numa rede de presenças
E ausências,
Numa fuga para o ponto de partida:
Um perto que é tão longe,
Um longe aqui.
Uma ânsia de estar e de temer
A semente que de ser se surpreende,
As pedras que repetem as cadências
Da onda sempre nova e repetida
Que neste espaço curvo vem de ti
José Saramago (1981)

Lembro que nos conhecemos há muito tempo, quando dávamos aula em uma mesma escola. Foi constituída uma amizade – mais que uma amizade, uma irmandade, e desde então, estamos juntas no movimento da vida e das emoções que a prática docente nos proporciona. Ajudando uma a outra a realizar as atividades, os projetos que tanto nos movimentam e que, muitas vezes, não tem o apoio necessário da gestão, mesmo em territórios diferentes, sempre nos apoiamos a cada nova ideia, novo projeto. Até neste de compartilhar nossas experiências. O espaço escolar tem dessas coisas – a possibilidade dos encontros, dos vários encontros e isso é que mantém aquecido o meu coração, apesar de muitas vezes sentir vontade de jogar tudo pro alto.

Minha trajetória como professora/educadora foi, realmente, moldada passo a passo, onde vivenciei experiências maravilhosas e marcantes, em cada olhar, em cada história e realidades diversas dos meus alunos. Com toda a dificuldade que se descortina, pelo sistema educacional apresentado e/ou por quaisquer outros agentes educacionais, consegui atingir vários, objetivos nas mais variadas situações.

Idealizei, criei e fiz acontecer, com meus alunos, colegas professores, comunidade escolar e demais servidores das unidades por onde passei, por várias vezes,

projetos lindíssimos e cheios de conteúdos, em que alunos que, a princípio, se sentiam tímidos, “inatingíveis”, aparentemente, silenciosos, acuados mesmo, foram tocados pelas objetividades dos projetos e sobressaíram-se de uma forma ímpar e tocante.

Há que se convir que Saraus Poéticos e Musicais foram apresentados com sucesso e reavivaram nos educandos um carinho e amor muito grande pelos poemas – esse momento único do autor. Conseguia, numa mescla de razão e coração, implantar nos envolvidos naqueles projetos, toda a minha empolgação enquanto agente transformadora que sou.

Trago uma experiência de um projeto que é a “menina” dos meus olhos e que foi, quando da época da sua estreia, uma das minhas maiores realizações: *a arte de redigir aos moldes do ENEM, vestibulares e concursos*.

O que se convencionou apresentar nesse projeto é a arte de redigir, considerando que a redação é, antes de qualquer conceito prévio, o diálogo com a vida. Não se pode permitir surpresas em se tratando de temas. Redigir é a expressão do pensamento, por escrito, onde a coesão/coerência, a clareza, a correção, a concisão, a elegância fazem parte de um todo indivisível. Requer um tratamento com zelo, carinho, respeito e com olhos de educandos ávidos pelo dinamismo da aprendizagem. Que o redigir faça parte do nosso cotidiano e esteja nas linhas e entrelinhas do fenômeno comunicação! Exatamente, aos moldes de um dos nossos parnasianos Olavo Bilac, em seu poema Língua Portuguesa:

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...
Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!
Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
em que dá voz materna ouvi: “meu filho!”,
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!
(BILAC, 1964, p. 262).

Nesse contexto, sempre procurei fazer também um passeio pelo mundo das palavras e permiti apresentar a língua/idioma como construção social, histórica, que se atualiza, permanentemente, e que a linguagem é considerada produto das relações sociais, da interação entre os diversos interlocutores. Equivale dizer que o “ensino” da Língua Portuguesa, através da Redação, entre outros, não é considerado como fim, mas como uma condição para que o sujeito possa atuar de forma

efetiva na sociedade onde se insere. Em síntese, redigir é deixar que a alma fale, num processo e interação mágicos.

Dessa forma, sempre deixei claro que uma redação de peso deve seguir alguns tantos critérios essenciais, para que as intimidades escritor e obra se abracem, reciprocamente, num todo indivisível.

Elenquei alguns objetivos muito importantes e a observação dos mesmos fez e fará toda a diferença, quando os desafios do ENEM, vestibulares e concursos surgirem.

É importante levar a sério alguns cuidados a seguir:

- Expressar-se, oralmente, com eficácia em diferentes situações, ampliando seus recursos expressivos e enriquecendo seu vocabulário;
- Interessar-se pela leitura e escrita como fontes de informação, aprendizagem, lazer e arte;
- Desenvolver estratégias de compreensão e fluência na leitura e, a partir daí, buscar redigir sob as competências apresentadas pelo ENEM;
- Exercitar as estratégias de construção de um texto, independente do tema, sob as exigências de vestibulares e concursos;
- Elaborar proposta (s) de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos;
- Expressar-se por escrito com eficiência e de forma adequada em diferentes situações comunicativas, primando pela correção ortográfica e gramatical.

Resultado insatisfatório?! Nunca! Essa foi sempre a minha tônica. Com ela, sei que atingi e moldei o pensamento de muitos.

Em contrapartida, o interesse da maioria dos alunos, num olhar de esperança por algo novo, e a vontade de quebrarem o tabu e desmistificarem o bicho-papão da “Arte de Escrever”, me enchiam de ânimo e tirava forças de onde, realmente, não tinha.

Quantas vezes ouvia de algum aluno que “odiava” escrever, que não suportava “redação”, tanto mais a vontade de ensinar aumentava. Quando das apresentações, ao final, a história era outra e os comentários se descortinavam positivamente: “É... até que não é tão ruim assim!”; “Pensei que fosse mais complicado”.

E eu, no meu íntimo, já começava a sentir o sabor da vitória.

Assim, é a alma do professor que acredita na verdadeira mudança. Nem tudo está perdido. Educar é construir, inventar e reinventar; aprender e ensinar, ensinar e aprender. O mínimo que você consegue passar para o seu aluno, talvez, naquele momento, é o tudo que ele precisa para fazer a leitura das entrelinhas da sua vida. Faça o melhor, dê o melhor de si. Com certeza, num futuro, não muito distante, tudo se justificará, e você sentirá a leveza do dever cumprido.

Que nosso caminhar na docência nos direcione para os bons encontros, para as boas atitudes e para a defesa de uma educação de qualidade, defesa dos nossos estudantes, de nossa saúde mental e de todos nós trabalhadores. Não nos desanimemos com crise, com as adversidades políticas e econômicas de países. Sejamos guerreiros e confiantes sempre! Muito bom podermos compartilhar um pouco de nossas experiências com vocês. Não acaba por *aí*; certamente, encontrar-nos-emos nesse mundinho pequeno...

Considerações finais

As trocas de experiências, de linguagem e de mundos distintos, no processo de escrita dos Atos, demonstrou a realidade de sala de aula, das dificuldades que a equipe escolar, em particular os professores(as), têm em desenvolver processos pedagógicos na sua prática diária, bem como, da necessidade de terem acesso a dispositivos de formação que ressignifiquem sua prática docente, como a EPS, que se configura como uma proposta de aprendizagem no trabalho, onde o aprender e o ensinar se incorporam ao cotidiano das organizações.

Além disso, é urgente propiciar condições financeiras e logístico-administrativas nas escolas, para todas as atividades, permeando o espaço escolar de práticas pedagógicas, espaço vivo de cultura, de apropriação de conhecimento do território vivido, de aprendizagem significativa, de filosofia e magia.

Aproveitamos para concluir com o doce calor das palavras de Cecília Meireles (1983, p. 411-412):

Vem a lua, vem, retira as algemas dos meus braços. Projeto-me por espaços cheios da tua Figura. Tudo mentira! Mentira da lua, na noite escura. Não te encontro, não te alcanço... Só – no tempo equilibrada, desprendo-me do balanço que além do tempo me leva. Só – na treva, fico: recebida e dada. Porque a vida, a vida, a vida, a vida só é possível reinventada.

O presente relato é um convite para lembrarmos que não existe aprendiz que não seja 'egiptólogo' de alguma coisa. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos (DELEUZE, 2003) e que a educação só é possível a partir da relação com o outro e com os signos, só é possível ser transformado pelo saber quando se deixa afetar por eles. ■

Notas

¹ Os nomes utilizados aqui são pseudônimos.

Referências

- BILAC, O. **Poesias**. 23. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1964.
- BRASIL. **Constituição 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- CECCIM, R. B.; MERHY, E. E. **Um agir micropolítico e pedagógico intenso**: a humanização entre laços e perspectivas. Interface Comunicação Saúde Educação, v.13, supl.1, p.531-542, 2009.
- DELEUZE, G. **Espinosa**: filosofia prática. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Tradução Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MEIRELES, C. **Poesia completa**: Volume I. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.
- MEIRELES, C. **Obra poética**: Vaga música. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1983.
- MERHY, E. E. **EPS em Movimento**: Depoimento Emerson Elias Merhy sobre Educação Permanente em Saúde, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o-nApGOWgks>. Acesso em 20 dezembro 2019.
- ROSA, J. G. **Grande sertão**: veredas. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1958.
- SARAMAGO, J. **Os poemas possíveis**. 3.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1981.
- SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: Primeiras aproximações, 5. ed. São Paulo: Autores Associados, 1995.